

O Mito Da Mulher-Maravilha

Eu também sou gente

Por diversas vezes, quando meus filhos eram pequenos, fui questionada sobre os mais variados assuntos.

Alguns deles escapavam completamente ao meu conhecimento.

E, quando eu respondia com honestidade:

— Não sei. Ou:

— Vamos pesquisar.

A reação costumava ser a mesma.

Olhos arregalados.

Testa franzida.

E, especialmente no caso da minha filha mais nova, as mãos na cintura.

— Como você não sabe? Você não é mãe?

Eu sorria.

E explicava que sabia algumas coisas, mas não todas.

Que conseguia fazer algumas coisas, mas não tudo.

Brincava dizendo:

— Eu também sou gente.

Que ironia.

Disse isso tantas vezes.

E tantas vezes me esqueci.

Não sei muitas coisas.

Não consigo fazer várias outras.

Canso.

Tenho sono.

Meu dia também tem apenas vinte e quatro horas.

Mas, durante um longo período da minha vida, me distraí desses fatos.

Deixei-me seduzir pelo canto da sereia.

Ou melhor, pelo mito da Mulher-Maravilha.

Aquela personagem que voa por aí resolvendo tudo.

Salvando todos.

Dando conta de tudo.

Encontrando sempre a resposta certa.

Spoiler: essa Mulher-Maravilha inautêntica acabou se enrolando no próprio laço.

Foi entre 2018 e 2021 que isso aconteceu.

Mas, para contar essa história, preciso voltar um pouco.

Aprendi desde cedo que o caminho para a ascensão pessoal e profissional passava pelo estudo e pelo trabalho.

Muito estudo.

Muito trabalho.

Pelo menos foi assim que aprendi observando meus primeiros professores: meu pai e minha mãe.

Vindos de contextos bastante humildes, ambos conquistaram estabilidade econômica através da dedicação, da disciplina e do esforço.

Era uma lição valiosa.

Mas, como acontece com muitas lições, talvez eu tenha levado a ideia longe demais.

Em 2018, eu tinha pouco mais de trinta anos.

Mantinha um consultório com excelente fluxo de atendimentos e havia tomado posse em um concurso público para atuar como técnica de referência em um Centro de Referência da Mulher, na Serra Gaúcha.

A cidade ficava a aproximadamente uma hora da região metropolitana de Porto Alegre, onde eu morava.

Ali, realizava atendimentos psicológicos com meninas e mulheres em contextos de violência e vulnerabilidade social.

Foi um período de intenso aprendizado.

E também de intenso impacto.

Durante vinte horas semanais, minha escuta estava voltada para histórias de violência de gênero em sua forma mais crua.

Os relatos vinham de crianças.

Jovens.

Mulheres adultas.

Idosas.

Muitas vezes eram difíceis de ouvir.

Difíceis de esquecer.

Mas a vida não terminava quando eu saía do serviço.

Havia também o consultório.

Os três filhos, então com 13, 9 e 5 anos.

A casa.

O casamento.

O cachorro.

O coelho.

E, aparentemente insatisfeita com uma rotina já bastante preenchida, resolvi iniciar uma pós-graduação e me matricular em um curso de inglês.

Hoje escrevo isso e quase preciso rir.

Ou pedir desculpas para a mulher que eu era naquela época.

Meus dias começavam entre quatro e meia e cinco horas da manhã.

O trabalho ocupava boa parte do dia.

À noite vinham as aulas da especialização.

O encerramento acontecia por volta das dez e meia da noite.

Entre deslocamentos, estudos e preparação para o dia seguinte, eu costumava dormir perto da meia-noite.

Aos sábados, inglês.

Nos intervalos, estudos.

Casos clínicos.

Demandas domésticas.

E a incansável tentativa de desempenhar todos os papéis possíveis com

excelência.

Minha rotina era tão cronometrada que, às vezes, parecia que, se uma folha caísse no chão e eu parasse para pegá-la, atrasaria todo o restante do dia.

Mas eu dava conta.

Ou pelo menos era isso que repetia para mim mesma.

Eu aguento.

Eu consigo.

Eu dou conta.

Quantas vezes pensei isso.

Quantas vezes disse isso.

Até que um dia parei de aguentar.

Ou melhor.

Fui parando.

A estafa chegou de mansinho.

Pé ante pé.

Quase sem fazer barulho.

E, quando percebi sua presença, ela já estava sentada ao meu lado.

O bugue no zoológico

Curiosamente, quando o dia finalmente terminava, o sono não vinha.

Eu chegava exausta à cama.

Mas bastava encostar a cabeça no travesseiro para que duzentas abas se abrissem simultaneamente.

As histórias das mulheres que eu havia atendido.

Boletos para pagar.

O agendamento da pediatra.

O sabão em pó que estava acabando.
A raiz do cabelo precisando de retoque.
A reserva no restaurante.
A tarefa da escola.
O compromisso da semana seguinte.
Tudo aparecia ao mesmo tempo.
Noite após noite.
E eu, insone.
Pela manhã, levantava como se tivesse passado por dentro de uma centrífuga.
Mas o dia não esperava.
Era preciso levantar.
Subir a serra.
Atender.
Estar disponível.
Interessada.
Articulada.
Gentil.
Sagaz.
Com aparência de quem havia descansado.
Como se nada estivesse acontecendo.
Mas alguma coisa estava acontecendo.
E meu corpo sabia antes de mim.
Os primeiros sinais vieram na forma de sucessivos problemas de garganta.
Perdia a voz.
Ficava rouca.
Às vezes, simplesmente não conseguia falar.
Hoje, olhando para trás, acho curioso.
A voz sempre foi uma das minhas principais ferramentas de trabalho.
Escutar e falar eram partes centrais da minha profissão.
E foi justamente ali que o organismo encontrou uma forma de interromper a

marcha.

Não como punição.

Talvez como pedido.

Enquanto eu insistia em seguir, ele insistia em sinalizar.

Até que os sinais deixaram de ser sutis.

E veio o episódio que transformou um desconforto em alerta.

Ou um alerta em susto.

Num final de tarde, voltando pela estrada, adormeci ao volante.

Por segundos.

Talvez poucos.

Talvez suficientes.

Quando abri os olhos, meu carro havia atravessado a pista.

Estava próximo ao guard-rail.

Assustada, consegui conduzi-lo até o acostamento.

Era a entrada do zoológico.

Fiquei parada dentro do carro.

O coração batia na garganta.

Lembro do frio.

Um daqueles dias clássicos do inverno gaúcho.

Eu ainda estava longe de casa.

Pensei em ligar para meu esposo e pedir ajuda.

Mas imediatamente outras perguntas surgiram.

Quem ficaria com os meninos?

Como ele viria me buscar?

E, para ser honesta, havia outra questão.

Eu não costumava pedir ajuda.

Aquilo alteraria a rotina dele.

Exporia minha fragilidade.

Obrigaria alguém a perceber que eu já não estava dando conta.

Depois de hesitar por alguns minutos, tomei a decisão que me parecia mais

simples.

Voltar sozinha.

Abri o vidro do carro.

O vento frio mantinha meus olhos atentos.

A música alta me ajudava a permanecer desperta.

E segui viagem.

Cheguei em casa sã e salva.

Mais salva do que sã.

Silenciosa.

Meu esposo não percebeu nada de imediato.

Já estava acostumado aos meus momentos de recolhimento.

Alguns dias eu realmente falava menos.

Principalmente quando os casos atendidos produziam muito ruído interno.

Ele compreendia.

Respeitava.

Mas aquele silêncio era diferente.

Era o silêncio de quem tentava digerir algo para o qual ainda não tinha palavras.

Dias depois, compartilhei o ocorrido.

Ele ficou assustado.

Mas não surpreso.

Já havia me alertado diversas vezes que a rotina estava excessiva.

Que eu precisava desacelerar.

Sempre digo que o amor é exigente.

E naquele momento ele foi.

Com delicadeza, mas também com firmeza, trouxe para a consciência algo que eu vinha tentando manter encoberto.

Talvez como na metáfora do iceberg, aquilo que permanecia submerso já estivesse sustentando boa parte do que aparecia na superfície.

Foi nesse período que compreendi algo difícil.

Eu precisaria soltar alguma coisa.

E tomei uma decisão que mudaria os anos seguintes da minha vida.

Para que outros sonhos caibam

Costumo brincar que fui a psicóloga pioneira da família.

Comecei do zero.

Do zero mesmo.

Zero pacientes.

Pouco dinheiro.

Muitas dúvidas.

E uma convicção inabalável de que encontraria uma forma de viver, com dignidade e conforto, da minha arte.

Por isso, durante muito tempo, soube exatamente quanto custou cada prego que compunha a mobília do meu consultório.

Nada ali surgiu por acaso.

Tudo foi construído aos poucos.

Com trabalho.

Persistência.

E muitos sonhos.

Fui profundamente feliz naquele espaço.

Sorri e chorei entre suas paredes.

Acompanhei histórias.

Testemunhei recomeços.

Apreendi com cada encontro.

E gosto de pensar que, em alguma medida, também pude colaborar com as pessoas que passaram por lá.

Durante muitos anos, o consultório foi um sonho realizado.

Mas, em meados de 2020, tornou-se também o ponto final de um capítulo importante da minha história.

Como contei na parte anterior, eu precisava soltar alguma coisa.

E o consultório foi esse algo.

Foi uma decisão fácil?

De maneira nenhuma.

Durante muito tempo me perguntei se estava desistindo.

Se estava abandonando um sonho.

Se estava enterrando tudo aquilo que havia construído.

Hoje penso diferente.

Acredito que os sonhos não existem para serem guardados em redomas.

Existem para serem vividos.

Habitados.

Experimentados em sua plenitude.

Ou, como costumamos dizer no humanismo, de forma congruente.

Talvez seja justamente isso que permita o nascimento de novos sonhos.

Encerrar um capítulo não significa desrespeitá-lo.

Pelo contrário.

Significa reconhecê-lo como parte da história.

Com gratidão.

Com respeito.

Com dignidade.

Lembro do dia em que coloquei a chave na porta e abri o consultório pela primeira vez.

E também lembro do dia em que a girei pela última vez.

Há nostalgia nessa lembrança?

Provavelmente.

Arrependimento?

Nenhum.

Aprendi muito ao longo daquele percurso.

Inclusive com as partes mais difíceis.

Aprendi que não sou a Mulher-Maravilha.

Tenho limites.

Aprendi que não sou uma ilha.

Preciso dos outros.

E que pedir ajuda não diminui ninguém.

Pelo contrário.

Às vezes, é justamente o que nos permite continuar.

Por fim, aprendi que, quando um sonho é vivido até o fim, outros começam a pedir passagem.

Mas essa já é outra história.

Uma história que talvez eu conte em um próximo escrito.

Ela envolve um antigo caso de amor entre uma gaúcha e a Terra da Luz.

Minha Fortaleza amada.

Nos encontramos na próxima travessia.